

# Religação imaginal

Michel Maffesoli – Sorbonne/Universidade de Paris V

Tradução: Alípio Sousa Filho – UFRN

## RESUMO

O artigo trata das transformações sociais e culturais operadas na pós-modernidade, vistas como uma nova socialidade, comunitária, emocional, teatral e trágica, que se expressa, dentre outras formas, num *corporeismo* intenso (indumentárias tribais, fenômenos de moda, exacerbação das imagens do corpo: tatuagens, “piercing” etc.), tudo isso produzindo uma “comunicação existencial” que fundamenta uma religação do indivíduo com a natureza, com a vida, com o humano. Contrárias a um moralismo pedagógico que faz da sociedade, e de diversas de suas instâncias, uma imensa *fábrica* de empregados a serviço de uma ideologia empreendedorista, dominada por um utilitarismo/racionalismo onipresente, as atitudes pós-modernas trazem de volta o culto hedonista, o presenteísmo, o holismo etc.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Socialidade. Religação. Corporeismo. Presenteísmo.

## ABSTRACT

This article deals with the social and cultural changes that took place in post-modernity, which are seen as a new communitarian, emotional, theatrical and tragic sociability. It gains expression, among other forms, in an intense *body-cult* (tribal clothes, fashion phenomena, exacerbated images of the body: tattoos, piercings etc), all these things producing an “existential communication” that reinforces the link between the individual and nature, life and the human. Contrary to the pedagogical moral values that transform society and many of its instances in a huge *plant* in favor of the undertaking ideology and its omnipresent utilitarian rationalism, the post-modern attitudes bring back cults like hedonism, presentism, holism, and so on.

Keywords: Post-modernity. Sociability. Link. Body-cult. Presentism.

A socialidade, aquela do “mundo da vida” (*Lebenswelt*), não se reduz a um social que se deduz por simples racionalidade. Ela se funda na partilha de imagens. Para retomar um termo que, conforme Max Weber caracterizaria a comunidade, o que está em jogo é da ordem do *emocional*.

A emocionalidade escapa à injunção moral. Ela repousa sobre uma “base antipredicativa, pré-categorial” (DURAND, 1969, 2004, p. 112). As teatralidades corporais que são vividas no cotidiano, nos rituais de vestimenta, ou que se exprimem de uma maneira paroxística nas diversas “paradas” urbanas, ressaltam um “*ordo amoris*” (SCHELER, 1996, p. 63 e segs.), no qual predomina um forte sentimento de pertencimento. O ideal comunitário necessita de símbolos exteriores, de imagens compartilhadas para traduzir a força que a estrutura internamente. Porém, a vitalidade desses arquétipos, pulsão inconsciente, se podemos dizer, exprime-se frequentemente de uma maneira *anômica*. Os mitos, contos e lendas são atravessados pela sombra. Essa parte obscura retorna no “trabalho” sobre o corpo contemporâneo. E o sucesso da tatuagem, do *piercing*, assim como o sucesso de Harry Potter ou do Senhor dos Anéis não deixam de invalidar o *juízo de valor* e a análise moralizadora.

Com efeito, existem algumas dificuldades para a inteligência moderna se contentar de um *juízo de fato*: dizer “o que é”, o que “deve ser”, o que se “imagina”. Habituada que ela está a apreciar o bem e o mal a partir daquilo que se pode chamar o “fantasma do Um”: Deus Único, a Verdade Única, a Finalidade, o Sentido da História, e outras maiúsculas, que ignoram a pluralidade da coisa humana e

o politeísmo de valores. Dificuldade para apreender as conseqüências de um “*ordo amoris*”<sup>1</sup> renascente, o impacto de uma atmosfera dionisíaca, cujo campo de ação tende a se apagar de mais a mais.

É preciso reconhecer que existe, no corporeísmo e no imaginário envolvente, um impulso vitalista, unindo o material e o espiritual. O intelectualismo ou o racionalismo ainda dominante, ao menos institucionalmente, ocuparam-se sempre de separar as diferentes esferas da natureza humana. Fiel à injunção bíblica (Deus separa a Luz das Trevas), a razão teme o *holismo* no qual o direito e o avesso se conjugam harmoniosamente.

Ora, o que é próprio à vida orgânica é que ela repousa sobre a riqueza de uma conjugação desse tipo. Da mesma maneira como “o espírito do vinho” está em constante relação com a matéria (terreno, cepa, vinha), existe uma sutil alquimia no trabalho sobre o corpo: indumentárias, fenômenos de moda, exacerbação das diferenças, e a constituição de um espírito comum, de uma *relição imaginal*.

Pode-se mesmo dizer que, nos interstícios da aparência, opera-se uma experiência do ser coletivo. Aquilo que floresce na superfície, como um ideograma, é um inconsciente arquetípico, com o qual cada um comunga. O signo torna-se símbolo, e faz surgir o outro lado, imaterial, das coisas.

É bem essa alquimia sutil, e um tanto misteriosa, que escapa ao que Paul Valéry chamava brutalidade do “conceito”: tudo debaixo de sua investigação “depuradora”, procura de uma suposta “profundidade”, de uma “essência” da realidade, de um “nômeno” para além do fenômeno. O conceito não enxerga, no florescimento *daquilo que é*, a marca de um prazer e de um desejo de estar-junto, através do qual se dá a ver e, pois, dá-se a ser.

1 Na filosofia de Max Scheler, “ordem dinâmica”. Filósofo alemão, um dos fundadores, juntamente com Edmond Husserl, da fenomenologia. Seu sistema filosófico classifica as percepções afetivas dos próprios atos humanos, desenvolvendo uma teoria das emoções e dos outros atos (tais como “a vergonha”, “o arrependimento”, a “preferência”, o “amor” etc.), fazendo conhecer os valores em sua essencialidade, em sua ordem dinâmica (*ordo amoris*) (N.T.).

Em diversas análises, Karl Jaspers (GENS, 2003, p. 380) faz referência à “comunicação existencial” como fundamento de toda cultura. De minha parte, acrescentaria que a cultura é sempre, em seu momento fundador, *anômica*. Ela se opõe às normas estabelecidas e reconcilia-se, com freqüência, com os valores antigos. Ela é chocante, e mesmo provocadora, pois não obedece mais às injunções, comumente aceitas, da vida social. Porém, sem pretender canonizá-la *a priori*, uma anomia desse tipo não deixa de ser instrutiva para aqueles que fazem da lucidez uma marca da nobreza de espírito.

O retorno do orgânico na vida de nossas sociedades, isto é, essa conjugação de coisas opostas, como a alma e a matéria, solicita um *pensamento orgânico*. Pretendo afirmar com essa idéia uma atitude fenomenológica que saiba, atentando para as imagens, qualificar antes de legislar. O cuidado das denominações exatas torna-se, como há muito tempo se sabe, o próprio fundamento da necessária organização social. Mas esta não pode se fazer em sentido contrário à boa lógica.

Tal como nos relata a sabedoria chinesa, Tse-Lou diz a Confúcio: “o senhor de Wei se dispõe confiar-lhe o governo. Qual é, em sua opinião, a primeira coisa a ser feita? O essencial é tornar corretas as designações” (GRANET, 1968, p. 362). Eis aí uma observação sobre a importância do bom uso das palavras. Claramente quanto ao que concerne ao governo dos espíritos, isto é, a capacidade a ajustar-se à moral. Esta é, sempre, um pouco mágica. É ela que oferece legitimidade e valor espiritual a qualquer poder: político, econômico ou simbólico.

Para dizê-lo familiarmente, “aderir” ao espírito do tempo necessita, desde agora, tomarmos distância da *doxa* dominante, esta “opinião” mais ou menos douta da qual a pusilanimidade ou a covardia são o motor essencial. “Lançar a concha”, aconselhava Platão (República, 521c): revolução do olhar, que seja mesmo para compreender, sem preconceitos, a importância das efervescências contemporâneas, e medir seus efeitos.

O que implica que se saiba romper com o que se poderia chamar o “pelagianismo”<sup>2</sup> moderno. O monge Pelágio, negando o pecado original, pode ser considerado, que se o saiba ou não, o fundador da pedagogia racionalista que se impôs progressivamente na organização social do mundo ocidental. Fundador, portanto, do moralismo e do conformismo social. Para os quais a parte de sombra da humana natureza, aquela que recorre ao sensível, será inelutavelmente ultrapassada (sobre um tal pelagianismo, MOULIN, 1984). Moralismo pedagógico que faz da sociedade, e de todas as suas instâncias espirituais – universidade, imprensa, edição –, uma imensa *fábrica* de empregados a serviço de uma ideologia empreendedorista, dominada por um utilitarismo/racionalismo onipresente.

E é efetivamente essa ideologia que parece não ser mais admitida sem discussões. A experiência daquele que está vivo ultrapassa a simples lógica mercantil e quantitativa. Contra o “pelagianismo” oficial, uma espécie de quietismo insolente reage secretamente, mas de maneira insistente. É o que se exprime, por exemplo, na atitude de “portar o véu”<sup>3</sup> ou na exibição do umbigo e outras partes superiores. Nessas provocações, aparentemente contrárias, mas, com efeito, muito semelhantes, há uma expressão de recusa de um mundo unicamente mercantilista e racional. Há expressão de inconformismo, às vezes

inconsciente, às vezes, pelo contrário, bem refletido. Expressão do desejo de não mais se dobrar a uma lógica da separação, mas, ao contrário, de compreender a realidade como um todo no qual a imagem tem o seu lugar.

As éticas específicas, induzidas por um tal inconformismo, religam materialismo e espiritualismo. E, como em outras etapas de efervescência cultural, o fato cria uma espécie de *realismo mágico* que deixa desconcertado o conjunto dos observadores sociais. “Homens teóricos” (Nietzsche), estes têm de fato dificuldade de apreender o desejo intenso de vida nos seus aspectos encarnados.

Encarnação que se pode reencontrar nos fanatismos religiosos, mas igualmente no desbridamento dos sentidos nas diversas ocasiões festivas, caras às diversas tribos pós-modernas. Em cada um desses casos, encontramos-nos diante de verdadeiros “desfiles amorosos”, sendo a amizade um forte componente, e nos quais a sedução domina uma larga parte. É quase em termos olfativos que seria necessário tratar o problema social, tanto a secreção é importante. Seja através do uso do véu que encobre o corpo, seja desvestindo-o, assiste-se a danças, menos ou mais frenéticas, pelas quais cada um se lança a estar em união espiritual numa mesma experiência do ser-coletivo.

É preciso dizer claramente: graças à imagem compartilhada, tais *copulações místicas* escapam, largamente, ao julgamento moral. Elas tornam inde-sejável uma visão do mundo de natureza contratual, dado que o indivíduo racional e igualmente soberano dele, protagonista do “contrato social” moderno, tende a perder-se, poder-se-ia dizer, a consumir-se, na comunidade da qual é, em todos os pontos, tributário. O ideal moral que é utilizado para gerir o indivíduo racional torna-se impotente diante do (re) aparecimento dos imaginários tribais.

Com efeito, convém estar atento a um deslocamento desse tipo: a alma coletiva tende a prevalecer contra o espírito individual. De diversas maneiras, pôde-se mostrar a estreita relação existente entre o racionalismo cartesiano e o *logocentrismo* que era sua

2 O *pelagianismo* é a doutrina de convicção dos *pelagianos*, seguidores do monge inglês Pelágio, que viveu no século V. Sua doutrina negava o pecado original e a eficácia da graça divina, e afirmava que o homem era totalmente responsável por sua própria salvação. Considerado heresiarca, teve a condenação de Roma (N.T.).

3 O autor refere-se certamente à prática do uso do véu islâmico, elemento tradicional da cultura muçulmana, que se tornou objeto de intenso debate em países europeus. Em 2004, o parlamento francês aprovou medida proibindo o uso do véu por meninas de famílias muçulmanas, durante a permanência na escola, argumentando o caráter laico da educação pública e os princípios laicos da República. Bélgica, Inglaterra e outros países adotaram medidas similares. A medida foi adotada sob o pretexto de temores sobre o fracasso em integrar os imigrantes muçulmanos ao resto da população ou dar a eles uma identidade cultural que não constituísse uma “separação”. De fato, o parlamento francês aprovou lei que estabelece a proibição do uso de quaisquer signos religiosos nas escolas e repartições públicas daquele país (N.T.).

consequência (JANICAUD, 2003, p. 150; MAFFE-SOLI, 2004). O “eu penso” soberano, constitutivo de si e do mundo, e produzindo a sociedade, parece submergido por um “acréscimo” de prazer, de gozo.

A exacerbação do corpo individual, no âmbito de um corpo coletivo, reenvia a uma outra forma do vínculo social que possui forte componente *lococêntrico*. De fato, é o espaço que prevalece. Espaço do próprio corpo que se trabalha à vontade, que se veste para a oração, que se produz para o prazer, que se mutila para um prazer doloroso. Território do corpo tribal que se determina a conquistar e que se defende contra todas as formas de intrusão. Em todos os casos, espaços simbólicos que geram e confortam o vínculo. É isso que se pode chamar a “religação imaginal”.

Frequentemente, assinalei esse deslizamento do logocentrismo para o lococentrismo, recordando que há épocas nas quais *o lugar gera laço*. Deslizamento que convoca a uma atitude não judicativa, e a abandonar nossa habitual tendência a analisar as coisas em termos de “bem” ou “mal”, e que deveria nos incitar a constatar em que os fenômenos que podem parecer anômicos, e que certamente o são em relação às normas estabelecidas, podem ser considerados como os *índices* (index) mais certos que apontam uma nova sociedade em gestação.

Não é a primeira vez que tais índices se tornam significantes. Entre a multiplicidade dos exemplos históricos, pode-se recordar quando os historiadores da arte ou os filósofos da vida religiosa analisam a rebelião dos monges de Cîteaux<sup>4</sup> contra o que es-

tes consideravam ser o enfraquecimento das regras pela abadia de Cluny: eles sublinham que “a ordem das formas corresponde à ordem do espírito”. E que, conclamando a uma nova ética comunitária, os cistercienses vão criar “formas” novas nas quais esta ética possa desabrochar (DAVY, 1990, p. 71; FO-CILLON, 1938, p. 159).

Ética mais próxima da natureza, da simplicidade das relações, *Religação* renovada e purificada por uma superação das leis artificiais procedentes da esclerose e das “seriedades” institucionais. Ética que tinha por ambição restaurar o fervor original e a edificação do corpo monacal a fim de melhor realizar a vocação monástica. E, símbolo que importa, isso se vai fazer com uma nova vestimenta<sup>5</sup>, significando a união mística projetada.

No seu sentido estrito, a arte cisterciense é uma *cultura* nova que se opõe a uma *civilização* empobrecida. A arquitetura, a decoração, a aparência são, portanto, como tantas expressões de um espírito comum e de um estar-junto renovadamente vivo.

Pode-se extrapolar as lições desse exemplo, mostrando que qualquer instauração nova é uma *transfiguração*. Ela invoca outras figuras nas quais o ideal comunitário se reconhece e regoziza-se. É fácil de ver em que as práticas contemporâneas obedecem a uma lógica semelhante. As “formas” que empregam podem ser, certamente, transgressivas, mas não são menos fundadoras se se sabe apreciá-las pelo o que são e não pelo que se gostaria que fossem.

Se faço, aqui, referência a um exemplo religioso é que, com efeito, é impressionante ver que as novas

4 O autor refere-se ao movimento dos 21 monges que, há nove séculos, em 1098, no dia de São Bento, deixaram o mosteiro de Molesme, na Borgonha francesa, para fundar em Cîteaux, a 20 km ao sul de Dijon, uma nova sede monástica, que foi chamada “Novo Mosteiro”. Encabeçando o grupo de 21 monges estava o próprio abade de Molesme, conhecido como Roberto de Molesme (c.1027-1111). Mais tarde o “Novo Mosteiro” receberá o nome de Cîteaux, proveniente do nome da localidade, antiga *Cistercium*, em latim. Esses monges, criadores da ordem dos monges cistercienses, deixaram a congregação monástica de Cluny para retomar a observância da antiga regra beneditina, como reação ao que consideravam o relaxamento da Ordem Cluniense. Assim, a Ordem de Cister nasceu no novo convento

de Cîteaux e teve como primeiro abade o próprio monge beneditino Roberto de Molesme. “Rebelados” contra a “decadência” e o “mundanismo” de Cluny, os monges de Cîteaux produziram um movimento de regresso às origens. O movimento de Cister, como também é conhecido, propunha a aplicação mais rigorosa da “Regra” de São Bento, contra o que era considerado a sua deformação pelo modelo de vida em Cluny. Os primeiros monges cistercienses estabeleceram-se longe das povoações, em lugares não habitados e não cultivados, obrigando-se a viver exclusivamente do trabalho de suas próprias mãos (N.T.).

5 Os monges cistercienses são conhecidos pelo hábito branco. Foram chamados os “monges brancos”. Os primeiros hábitos eram feitos, por pobreza, de lã não trabalhada de ovelha, sem nenhum tingimento (N.T.).

formas de socialidade são, por um lado, atravessadas pela intensidade própria à religiosidade e, por outro lado, exprimem uma excessiva intensidade na relação com o outro, e graças às imagens compartilhadas. Intensidade e densidade que, *présentéisme oblige*<sup>6</sup>, embora sendo efêmeros não são menos reais.

A atitude “contemplativa” que prevalece sobre a pulsão política, própria às gerações precedentes, o fato que, nas relações sociais, a intuição passa à frente das associações pensantes (partido, sindicatos), o fato de privilegiar todas as ocasiões de arrebatamento, “transportes” (transportamentos festivos, eferescências diversas), tudo isso cria uma atmosfera específica na qual o sujeito substancial que, na tradição ocidental, nos era familiar, não tem mais, hoje, grande importância. O subjetivo tende a ceder lugar ao “trajetivo” (Gilbert Durand). Ou seja, ao *conhecimento* direto da íntima ligação de todas as coisas.

Correspondência holística, intuitiva religação aos outros e à natureza circundante, tudo isso se traduz, trivialmente falando, no fato de ser “transportado”, de “explodir” ou de ter “feeling”. É longa a lista das expressões que exprimem a superação de uma lógica discursiva, e sublinha a calma violência do fluxo vital. Pode-se, certamente, cair em confusão. Não obstante o imperativo categórico da moral estabelecida, esta perde espaço, cada vez mais, e em seu lugar são postas em prática pequenas liberdades intersticiais nas quais domina uma forma de imoralismo alegre. É exatamente isso o “*ordo amoris*” (Max Scheler), causa e efeito de múltiplos êxtases sociais.

6 O autor aplica sua própria fórmula (*présentéisme oblige*) numa clara alusão (irônica, talvez) à conhecida fórmula *noblesse oblige*: a nobreza cria o dever da honra ao título, ou deve-se honrar o que se é. Com o mesmo sentido e invertendo-o, traz na sua fórmula o tema do presenteísmo, tão caro à sua obra, reafirmando uma das mais importantes de suas teses: o apego ao presente, que, embora efêmero, é a medida da relação com o tempo que passa (tempo da morte), afirmando-se como amor à vida, que aparece na velha fórmula *carpe diem*, convite a aproveitar a vida aqui e agora. Todo o pensamento do autor está fundado nessa idéia, que já aparece em suas primeiras obras, como “A conquista do presente”, “A sombra de Dionísio”, entre outras. Por essas razões, deixamos a expressão sem tradução (N.T.).

Pode-se aproximá-lo das intuições de Bergson: a passagem do estático ao dinâmico, do fechado ao aberto, de uma vida rotineira à vida mística (BERGSON, 1932, p. 445; MAFFESOLI, 2005; BOLLE DE BAL, 1996). O que esclarece bem, teoricamente, todas as situações empíricas nas quais a fórmula conceptual (político, social) cede lugar a uma forma operacional. Uma forma comunitária onde cada um não procura mais sua singularidade, não afirma mais sua especificidade, mas se ocupa, concretamente, a fazer apenas com o objeto que lhe (ou ao qual) pertence. Uma forma que se apóia, essencialmente, sobre a imagem.

Véu islâmico, quipá judaico, echarpe Hermès, vestes íntimas Calvin Klein, poder-se-ia multiplicar à vontade os sinais e as marcas, que podem ser consideradas como tantas manifestações do sentimento de pertença. *Stricto sensu*, “faz-se parte” disso mesmo que se afixa como um emblema de reconhecimento. Mesmo, e sobretudo, se tal afirmação provoca ou choca aqueles que “não são”. O umbigo posto a nu de uma maneira “sexy”, a circuncisão religiosa, da mesma maneira que o “piercing” íntimo, favorecem os êxtases comuniais. Eles são como tantos rituais anódinos ou exacerbados pelos quais as microtribos contemporâneas exprimem as suas *afinidades eletivas*. Pelos quais elas transfiguram um cotidiano dominado por uma lógica mercantilista numa realidade espiritual, que, protegendo-se às vezes atrás da máscara da transcendência, não deixa de ser sempre e profundamente *humana*: aquilo que vivo, com outros, aqui e agora.

Práticas encarnadas, *Encarnação* que é necessária compreender no seu sentido preciso: prazeres da carne, mortificação da carne, a diferença é de pouca importância, como meios para reafirmar o valor do corpo individual no âmbito do corpo coletivo. *Corpo místico, corpo imaginal*, que, em todo caso, não se reconhece mais pelos mecanismos da abstração racional, mas que tende a afirmar-se na organicidade dos grupos emocionais.

Invertendo o adágio popular, o hábito faz o monge: a “vestimenta”, que esteja sobre ou no

corpo, torna-se assim hieroglífica. Sinal sagrado, fazendo participar de uma espécie de transcendência imanente. Pedras vivas de um templo imaterial onde é possível se “sentir” bem. Construção simbólica onde tudo junto torna-se corpo. Morada real ou virtual que assegura proteção e conforto. Os entusiastas da Internet sabem bem que procuram, perdidamente, na rede mundial de computadores, uma forma de comunhão e que, assim, criam comunidades não menos “reais” que os agrupamentos sociais propostos pela sociedade, então, racionais. Nesse sentido, os pseudônimos utilizados são como tantas marcas sobre o próprio corpo que permitem integrar um corpo coletivo. Há aí, com frequência, uma “compulsão” inegável. Mas esta não representa senão uma embriaguez coletiva: deixar o seu vestígio na trágica impermanência do dado mundano.

Tudo isso nos convida a seguir a *pista* do nomadismo tribal contemporâneo, feito paradoxalmente de enraizamento e de exílio. Do desejo de ser e viver *aquí*, tendo ao mesmo tempo a nostalgia de outros lugares. Nesse paradoxo, não se deveria ver a falência de uma moral racional que se ocupa de impor o “lugar fixo”, de uma existência fechada sobre si própria e, ao mesmo tempo, a emergência de uma ética dinâmica que combina os contrários? O corpo e o espírito, a razão e o sensível, o intelecto e o imaginário. Efetivamente, é isso que provoca pensar.

## REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. *Les deux sources de la morale et de la religion*. Paris: PUF, 1932.
- BOLLE DE BAL, M. *Reliance et théories*. Paris: L'Harmattan, 1996.
- DAVY, M. M. *Saint Bernard*. Paris: Félin, 1990.
- DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Bordas, 1969.
- \_\_\_\_\_. *L'Humanisme planétaire. E. Morin en ses 80 ans*. Dir. Nelson Vallejo-Gomez. Paris: UNESCO, 2004.
- FOCILLON, H. *Art d'occident, le Moyen-Âge roman et gothique*. Paris, 1938.
- GENS, J. C. *Karl Jaspers*. Paris: Bayard, 2003.
- GRANET, M. *La pensée chinoise*. Paris: Albin Michel, 1968.
- JANICAUD, D. *Heidegger en France*. Entretien avec J. P. Faye. Paris: Albin Michel, 2003. t. 2.
- MAFFESOLI, Michel. *Eloge de la raison sensible*. Paris: La Table Ronde, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Le rythme de la vie*. Paris: La Table Ronde, 2004.
- MOULIN, L. *La Gauche, la Droite et le péché originel*. Paris: Lib. Des Méridiens, 1984.
- SCHELER, Max. *Six essais de philosophie et de religion*. Universitaires de Fribourg, 1996.